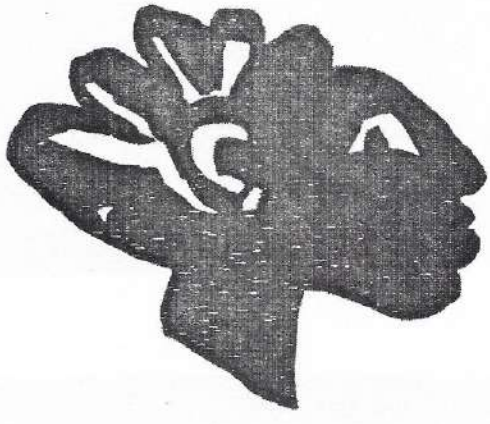
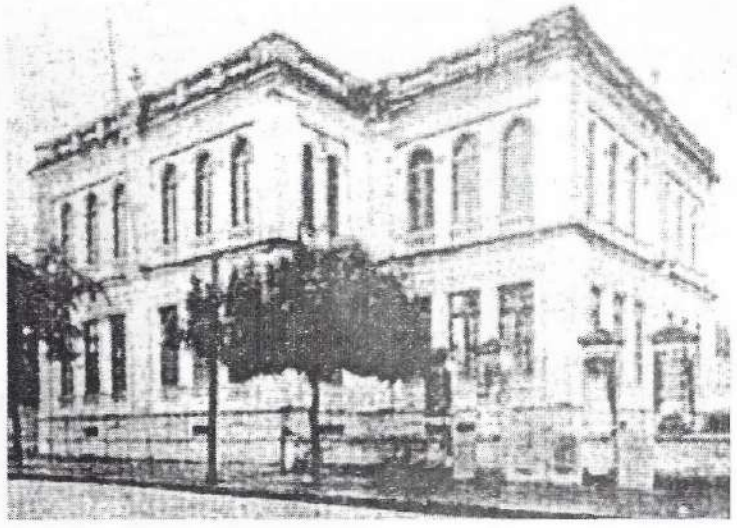
Bruno de Menezes



Retrato em Preto e Branco

Reprodução da Exposição didática que fez parte do projeto **Bruno de Menezes - Retrato em Preto e Branco** da **Fundação Curro Velho.**
Curadoria: Célia Jacob e Rosa Assis
Acervo: Fundação Curro Velho



" No acalanto africano de tuas cantigas,
nos suspiros gementes das guitarras,
veio o doce langor
de nossa voz,
a quentura carinhosa de nosso sangue."

Mãe Preta - Bruno de Menezes

Dona Maria Balbina da Conceição Menezes (na intimidade, mãe Balbina), nascida a 04 de dezembro de 1876, em Belém-Pará.

Grupo Escolar José Veríssimo, em Belém.

Fac-simile da folha de rosto do 1° livro encadernado pelo poeta.

1893

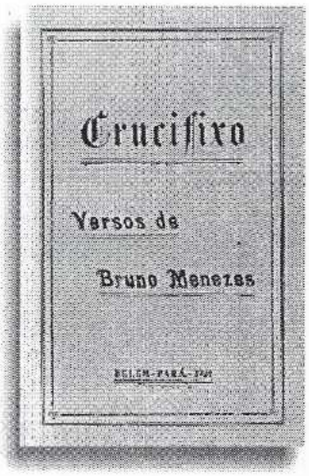
Em 21 de março, Bento Bruno de Menezes Costa nasce em Belém, Pará, filho primogênito do mestre pedreiro Dionísio Cavalcante de Menezes e Maria Balbina da Conceição Menezes.

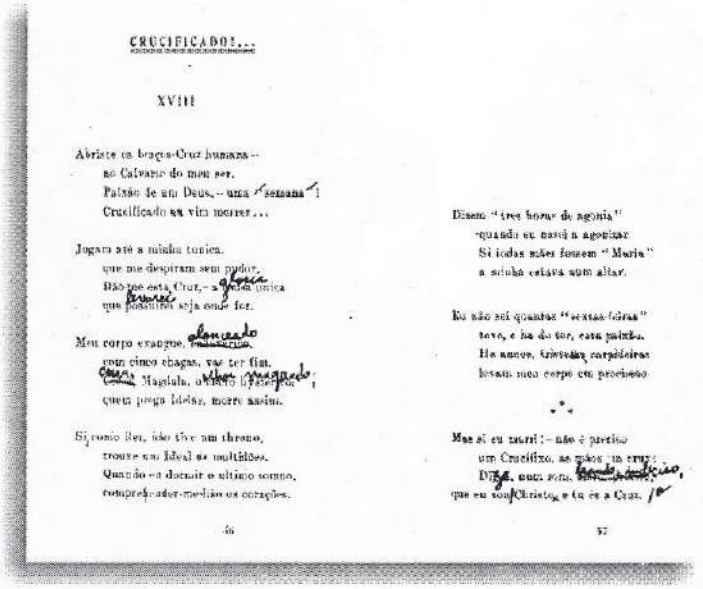
1903

Completa seus estudos primários no grupo escolar José Veríssimo, em Belém. Torna-se aprendiz de encadernador e tem como companheiro de ofício **Tó Teixeira**, que viria a ser o grande mestre de violão. Aos 17 anos torna-se aprendiz de gráfico.

1913

Estréia como poeta com *O Operário*, soneto parnasiano publicado em o *Martelo*.





CRUCIFICADOS...

XVIII

Abriste os braços-Cruz humana —
ao Calvario do meu ser.
Paixão de um Deus, – uma semana!
Crucificado eu vim morrer...

Jogaram até a minha tunica,
que me despiram sem pudor,
Dão-me esta Cruz, – a [illegible] unica
que possuirei seja onde for.

Meu corpo exangue, [illegible]
com cinco chagas, vae ter fim.
[illegible] Magdala, o [illegible]
quem prega Ideias, morre assim.

Si, como Rei, não tive um throno,
trouxe um Ideal ás multidões.
Quando eu dormir o ultimo somno,
comprehender-me-hão os corações.

56

Dizem "tres horas de agonia"
quando eu estou a agonizar
Si todas mães fossem "Maria"
a minha estava num altar.

Eu não sei quantas "sextas-feiras"
teve, e ha de ter, esta paixão.
Ha annos, tristezas carpideiras
levam meu corpo em procissão

Mas si eu morri! – não é preciso
um Crucifixo, as mãos em cruz:
Diz, num [illegible],
que eu sou Christo, e tu és a Cruz.

57

Bruno de Menezes na juventude.
Acervo Família Menezes.

Capa do livro *Crucifixo* e fac-símile do poema *Crucuficado* com anotações de próprio punho do poeta.

Família Menezes: em pé - Irmã Marília, Bruno, Monsenhor Geraldo, o médico José Haroldo, profª Francisquinha, e o magistrado Stélio. Sentadas - Lenora, Maria de Belém e Maria Ruth.

1916

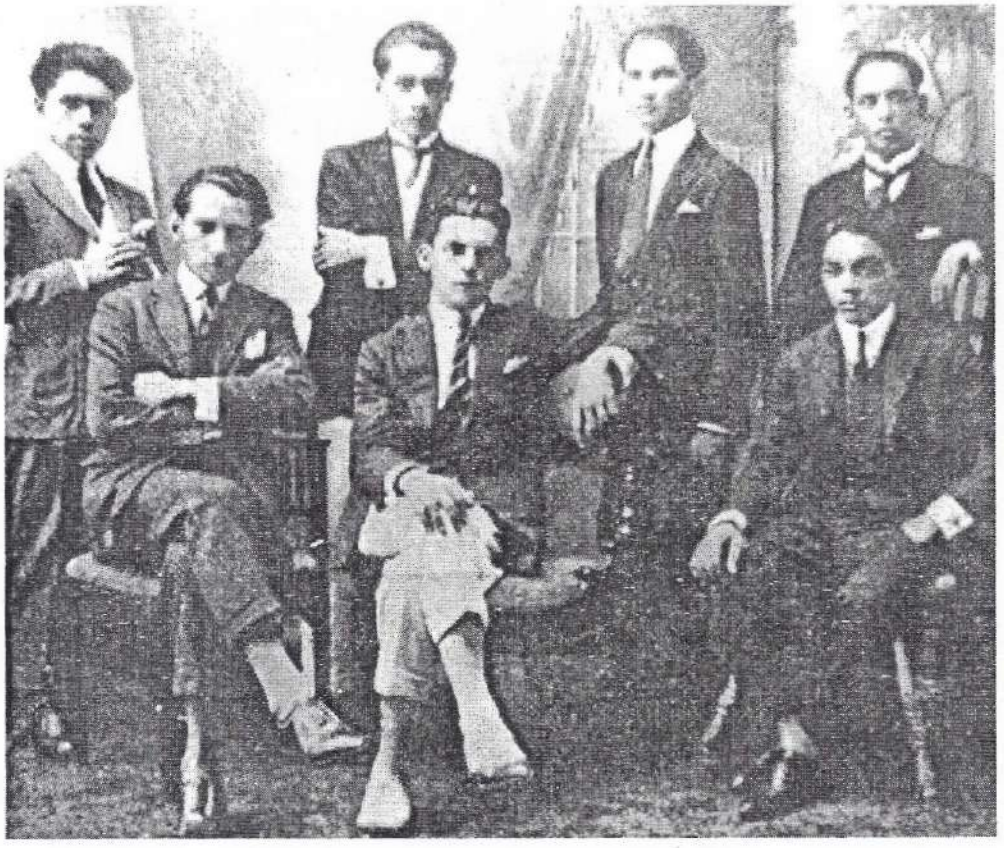
Faz parte de um grupo de jovens cujo ideal era renovar a poesia no Pará, o que o levou a formar, com outros companheiros, o grupo Vândalos do Apocalipse e mais tarde o grupo Peixe Frito. Entra para a Academia dos Poetas Paraenses.

1920

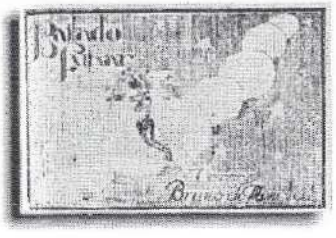
Publica seu livro inaugural na poesia, *Crucifixo*, composto e impresso pelo próprio autor e pelo amigo, poeta **Jacques Flores**, nas oficinas da Livraria Moderna.

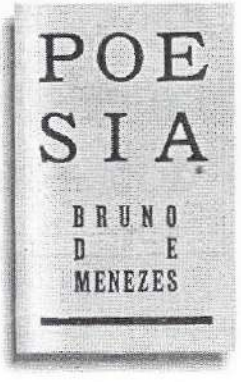
1921

Em 16 de julho, casa-se com a professora Francisca Sales Santos e formam uma grande família com os filhos Geraldo, Marília, Stélio, José Haroldo Maria Ruth, Maria de Belém e Lenora.



Grupo de intelectuais modernistas no Estado do Pará, 14 de julho de 1924.
Bruno no traço de Garibaldi Brasil.





1923

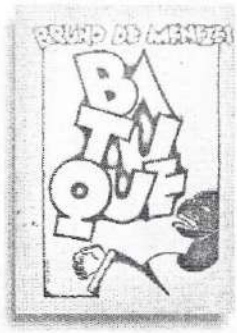
Fundou a revista **Belém Nova**, congregando um grupo de jovens intelectuais.
O primeiro número, que saiu em 15 de setembro de 1923 (teve 4 números até 1937), se constitui, no extremo norte, um movimento renovador das nossas letras e propagador, no Pará, da nova corrente poética advinda da **Semana de Arte Moderna de 22**, em São Paulo, o que fez Belém ser a terceira capital a aderir o modernismo no Brasil.

1924

Com capa do desenhista **Luiz Silva**, e, no conteúdo, um desenho do autor feito por **Andrelino Cota**, publica *Bailado Lunar* Poemas, incentivado por **Mário de Andrade** e **Raul Bopp** que o consideram como um dos renovadores da poesia nacional. Esse livro foi editado nas oficinas gráficas do Instituto Lauro Sodré.

1931

Publica *Poesia*, impresso na Tipologia Guará, com prefácio de **De Campos Ribeiro.** Uma seleção de poemas que inclui, pela primeira vez, poemas de *Batuque*.



" Você fez " Pai João" e cadê que lhe fazem a justiça de o colocar entre os melhores poemas brasileiros? "Cuia-Pitinga" é uma expressão tão local e tão universalmente humana! Você e o Jacques trouxeram para a arte uma realidade que não morrerá , porque não foi colhida entre as nuvens, mas entre os homens ..."

(Dalcídio Jurandir no Prefácio do ensaio *À Margem do Cuia Pitinga*, de Bruno de Menezes.)

Bruno de Menezes recebe a medalha da A. P. Letras das mãos da profª Francisca Menezes, sua esposa.

1937

Publica *À Margem do Cuia Pitinga*, estudo literário do livro de **Jacques Flores**, que vale como um depoimento e uma análise do movimento intelectual da época, na visão dos novos.

1939

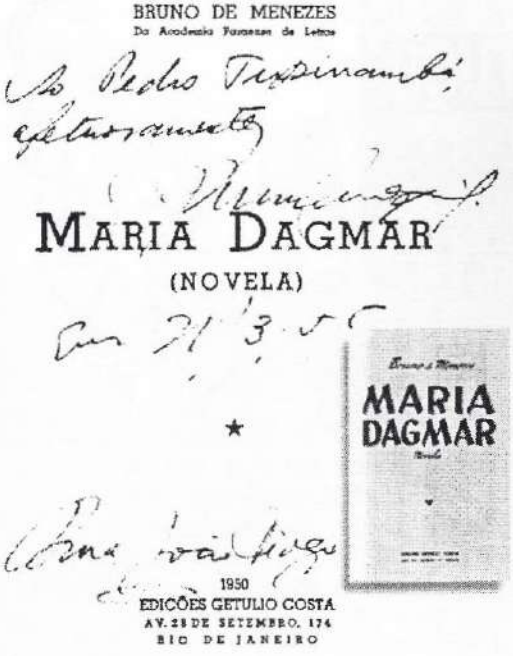
Publica a 2ª. edição de *Batuque* (Poemas), com ilustração de Garibaldi.

1944

Em 30 de maio, toma posse na **Academia Paraense de Letras**, cadeira nº 32. Faz parte, igualmente, do **Instituto Histórico e Geográfico do Pará** e da **Comissão Paraense do Folclore.**

1945

Sai a 3ª edição de *Batuque*.


BRUNO DE MENEZES
Da Academia Paraense de Letras

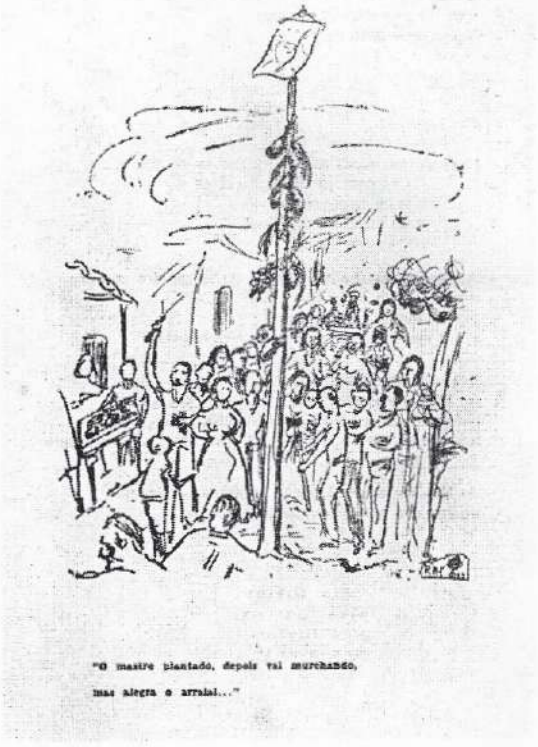
MARIA DAGMAR
(NOVELA)

★

MARIA DAGMAR

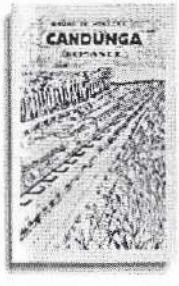
1950
EDIÇÕES GETULIO COSTA
AV. 28 DE SETEMBRO, 174
RIO DE JANEIRO

Dedicatória do poeta para Pedro Tupinambá, na folha de rosto da 1ª edição de *Maria Dagmar*.


"O mastro plantado, depois vai murchando,
mas alegra o arraial..."

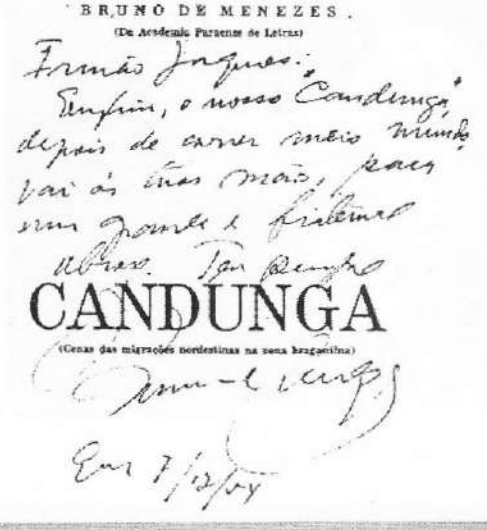
Capa de *Maria Dagmar* (novela).

LUA
SONAM
BULA
POEMAS


CANDUNGA

Dedicatória com a assinatura de Bruno de Menezes ao poeta Jacques Flores, da folha de rosto de *Candunga*.

Ilustração de Raymundo Vianna.


BRUNO DE MENEZES
(De Academia Paraense de Letras)

CANDUNGA
(Cenas das migrações nordestinas na seca bragantina)

1950

Publica, em edição completa, *Maria Dagmar*, novela impressionista, que já fora publicada, em folhetim, na revista *Belém Nova*.

1953

Sai a 4ª edição de *Batuque* (Poemas), com ilustrações de **Raymundo Martins Vianna.**
Nesse mesmo ano publica *Lua Sonâmbula* (Poemas)

1954

Estréia como romancista ao publicar *Candunga*.
Por esses romance recebe o prêmio "Estado do Pará".

1957

Publica o livro *Poema para Fortaleza*, com 157 versos livres, prefaciado pela folclorista **Maria Brígido.**

Folha de rosto do livro *Onze Sonetos*.

Reprodução da Medalha da Academia de Letras de Ilhéus.

Ilustração de Raymundo Vianna.

1958

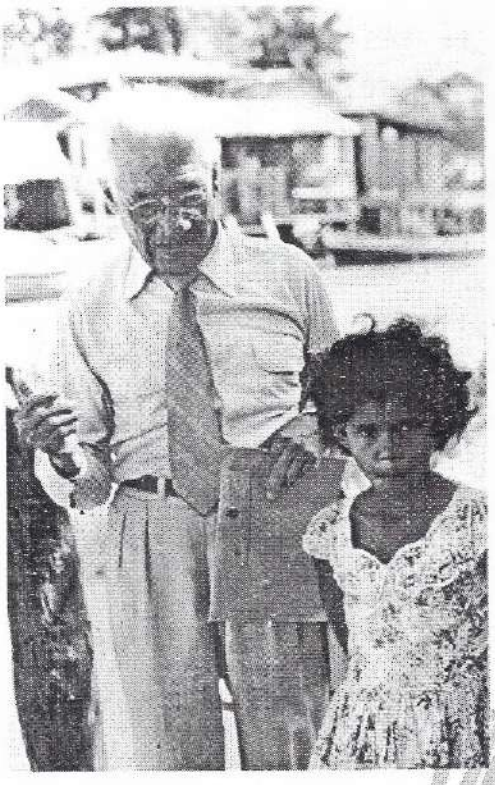
Publica *Boi Bumbá - Auto Popular*, estudo folclórico, em sua primeira edição. Esse trabalho, segundo **Câmara Cascudo**, é um documento vivo e fiel do auto, modelar, no plano de pesquisa.

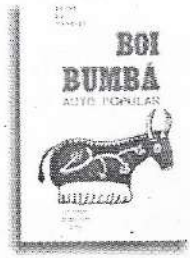
1959

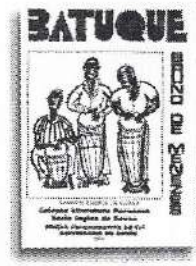
Publica outro valioso estudo folclórico: o livro *São Benedito da Praia: Folclore do Ver-o-Peso*.

1960

Publica *Onze Sonetos* e recebe o prêmio "Cidade São Jorge de Ilhéus"- 1º lugar no Concurso Literário da Academia de Letras de Ilhéus, com as onze chaves de ouro de Guilherme de Almeida, Bahia.







1963

Aos 70 anos de idade, no dia 02 de julho, falece subitamente em Manaus - Amazonas, onde participava como jurado do VII Festival Folclórico.
Seu corpo é velado na sede da **Academia Amazonense de Letras**. Em 03 de julho, seu corpo chega a Belém. Foi velado na **Academia Paraense de Letras** e sepultado no dia 04, no Cemitério de Santa Izabel.

1966

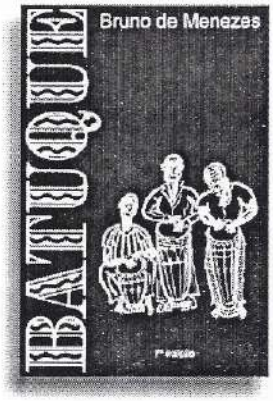
Em Edição Especial comemorativa pelos 350 anos de Belém, sai a 5ª edição de *Batuque* (poemas), com ilustrações de **Raymundo Martins Vianna** e escrita musical dos temas populares.

1972

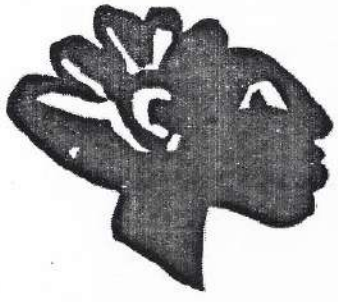
Sai a 2ª edição de *Boi Bumbá Auto Popular*, no dia 21 de março, pelo **Conselho Estadual de Cultura/ Governo do Estado do Pará**, impresso nas oficinas gráficas da Imprensa Oficial.

1984

O **Conselho Estadual de Cultura** publica a 6ª edição de *Batuque*, edição comemorativa do 91º aniversário do autor, com ilustrações de **Raymundo Vianna.**



Bruno de Menezes



Retrato em Preto e Branco

1993

Como parte das comemorações pelo Centenário de nascimento do poeta, o Governo do Pará lança o **Selo Comemorativo Bruno de Menezes** e publica, pela **Secult**, *Obras Completas de Bruno de Menezes*, em três volumes.

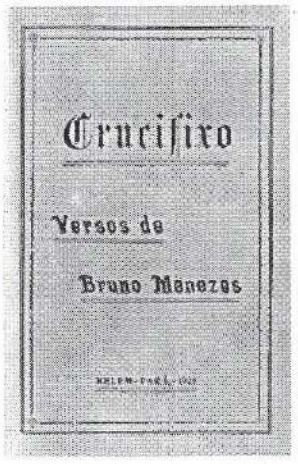
2005

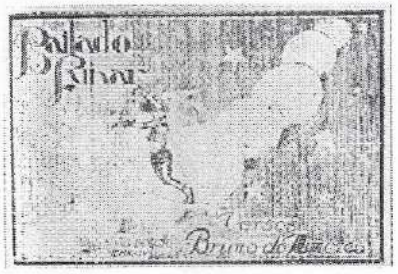
A família de Bruno de Menezes, com o apoio da Unimed Belém, publica a 7ª edição de *Batuque*. Essa, prefaciada por **Josse Fares e Paulo Nunes**, traz melodias grafadas por **Maria Lenora Menezes de Brito**, capa de **Max Reis e Felipe Leitão** e ilustrações de **Raymundo Vianna.**

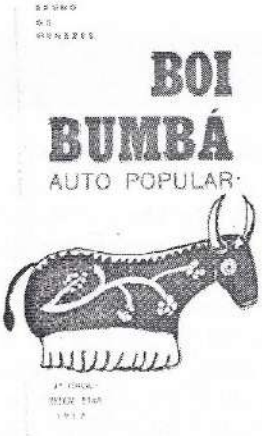
2006

O Governo do Estado do Pará através da **Fundação Curro Velho** lança o Projeto **Bruno de Menezes: Retrato em Preto e Branco na Casa da Linguagem**, com a curadoria de **Célia Jacob** e **Rosa Assis.** A obra de Bruno é estudada em processo de formação e informação pela Arte e Ofício.

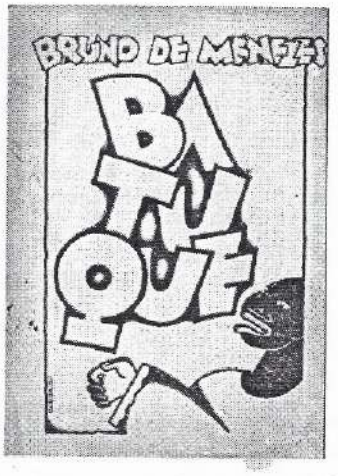
Capas de diversas edições da Obra de Bruno de Menezes

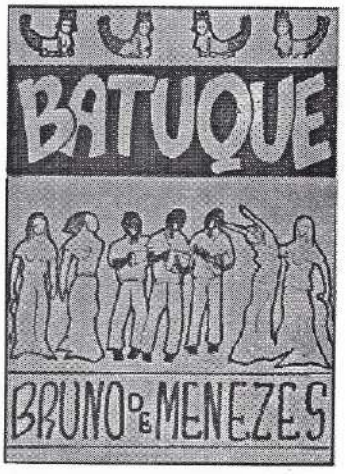


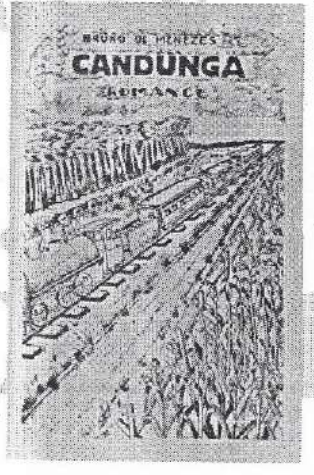




FLORÕES DO ESPÍRITO
A' MARGEM DO
"CUIA PITINGA"
POR
BRUNO DE MENEZES


BRUNO DE MENEZES
BATUQUE


BATUQUE
BRUNO DE MENEZES

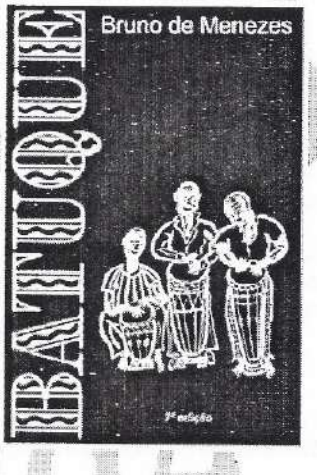

BRUNO DE MENEZES
CANDUNGA
ROMANCE

BRUNO DE MENEZES
SÃO BENEDITO
DA
PRAIA
FOLCLORE
DO
VER-O-PESO

ONZE
SONETOS
1960

BRUNO DE MENEZES
OBRAS COMPLETAS
LENDO O PARÁ - II
EDIÇÃO ESPECIAL
FICÇÃO

BRUNO DE MENEZES
OBRAS COMPLETAS
LENDO O PARÁ - II
EDIÇÃO ESPECIAL
FOLCLORE


BATUQUE
Bruno de Menezes

Sobre Bruno de Menezes

Batuque é um retrato de Belém, história do Umarizal, da Pedreira e da Cremação, do cais e das velhas docas. O subúrbio e o terreiro, em suas páginas, estão dançando e cantando. O livro, por si só, tem uma saborosa força nativa e o poeta nos transmite "a vida brasileira que ele viu, gozou e viveu" nesta Belém tão sua. **Batuque** tem uma importância histórica e literária na poesia brasileira, sobretudo na poesia da Amazônia. O poema atravessa a cidade como um igarapé de maré cheia... **Batuque** faz parte de nossa cidade, como a Sé, a tacacazeira, a lembrança de Angelim, o Ver-o-Peso.

Dalcídio Jurandir

Não há dúvida de que o livro de poemas **Batuque** desperta singular interesse para os investigadores da cultura popular paraense. Nele, em pequenos trechos destacados, Bruno de Menezes reproduz diversos textos folclóricos, sem adaptação, portanto autênticos... O valor dos documentos coletados e reproduzidos por Bruno de Menezes está no registro das melodias que ele guardava na memória e que sua filha Maria Lenora grafou. Com isto, alguns documentos do passado tornaram-se completos. Treze melodias estão registradas, o que facilita qualquer pesquisa ulterior e enriquece a documentação existente do folclore musical do Pará... Por conseguinte, é justo ressaltar neste livro de "poemas negros" de Bruno de Menezes, este aspecto peculiar da influência africana no folclore regional.

Vicente Salles

Batuque marca o grande ritmo afro-brasileiro de entrada, na era moderna, da poesia na Amazônia. Como obra modelar e única, ela entrosa as fontes populares ao fazer poético erudito. Esse entrosamento é, ao mesmo tempo, a descoberta e a feição característica da poética de Bruno de Menezes.

Benedito Nunes

Batuque tem a virtude de recuperar para a literatura paraense e porque não dizer, para a literatura brasileira, a memória cultural de um grupo étnico-racial que sob a égide de uma sociedade racista, quase sempre caminhou à margem da história.

Zélia Amador de Deus

Uma nova edição de **Batuque** deveria ser saudada com cânticos e festas, tal como o autor gostava. Na ausência do poeta, seus leitores, tocados pela musicalidade dos versos e pela beleza das imagens, terão, na leitura silenciosa, um encontro com poesia que, no caso de Bruno de Menezes, é para sempre.

João Carlos Pereira

O livro **Batuque** reconstitui os rumores, o riso e o choro da África ancestral. Nesse lastro amazônico-africano, firma-se o alteamento poético que assegura a Bruno de Menezes a condição de figura de prol na escrita literária da Amazônia.

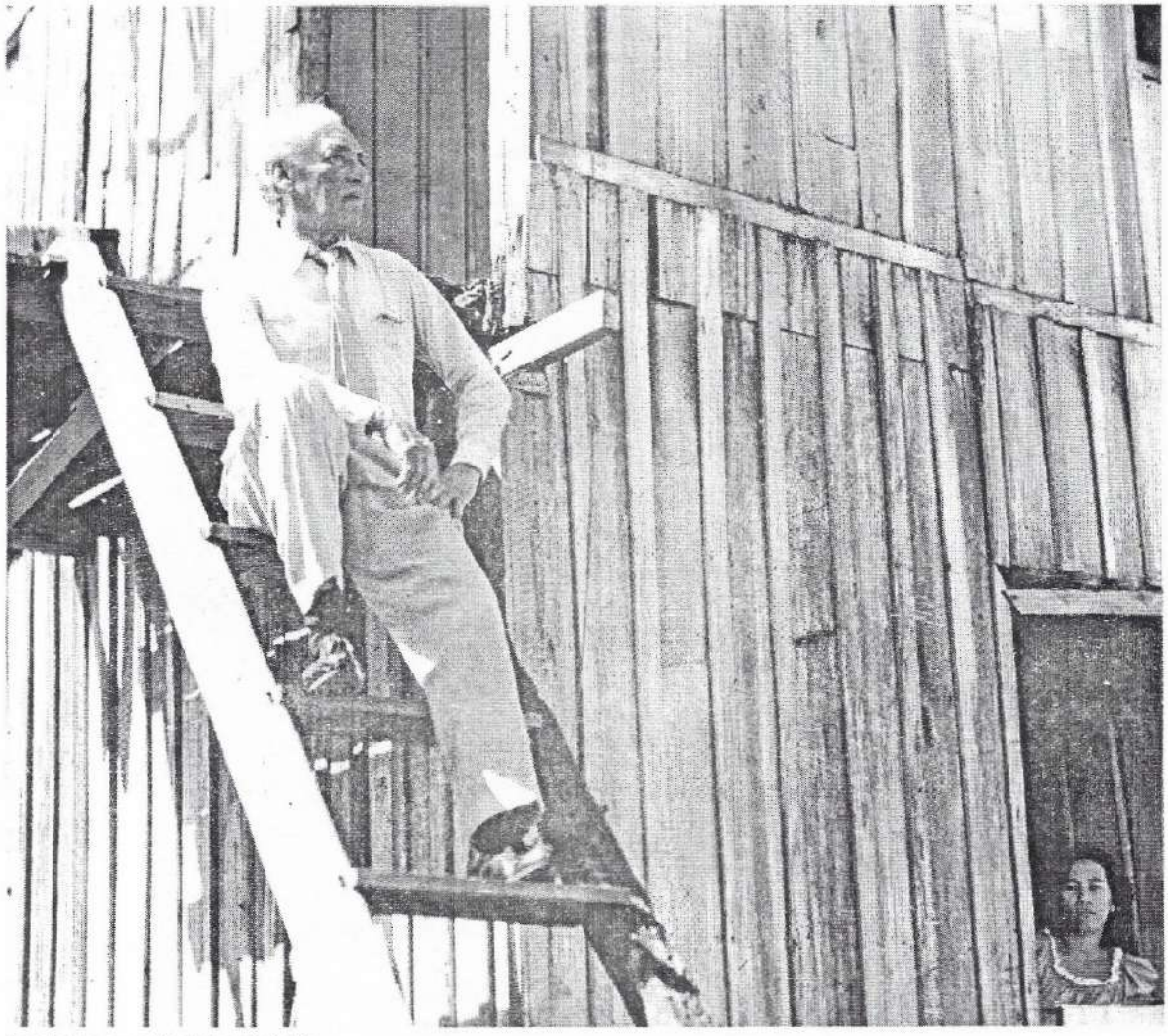
Amarílis Tupiassu

Bruno de Menezes, um afro-descendente, nascido em Belém do Pará, ao que nos parece, antecipou-se aos próprios africanos na construção de uma poesia que traz a lume as vozes da "terra africana que o branco assaltou".

Josse Fares e Paulo Nunes

O universo poético de Bruno de Menezes é o das sensações, das impressões causadas no poeta por um estímulo que o conduz à essência do seu mundo sensitivo.

Célia Coelho Bassalo

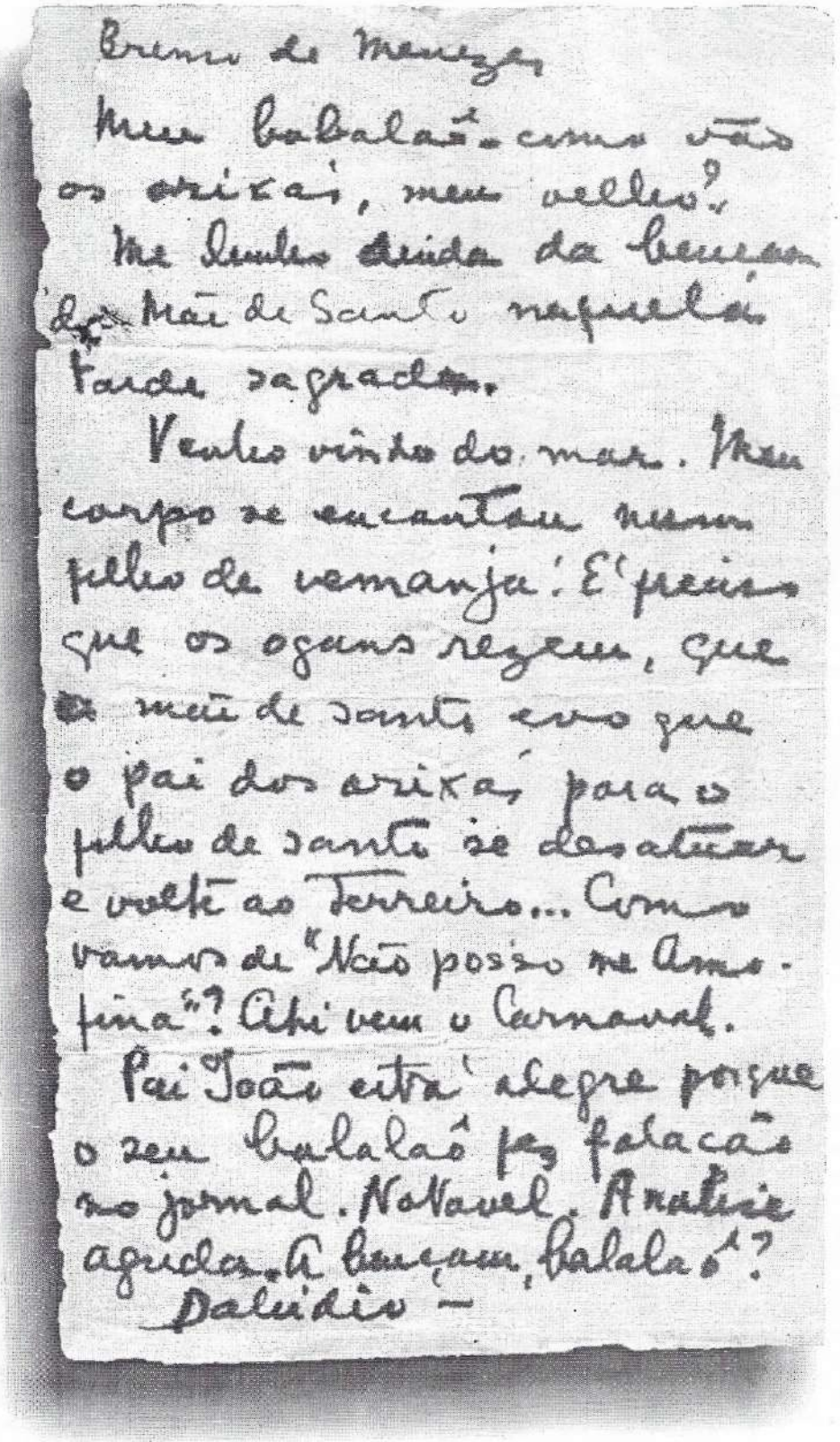


Bruno de Menezes, na Vila da Barca, Belém/PA

"Quando se viajava no bonde do Curro, até o fim da linha, e descia-se a rua de Belém, rumo ao Curtume Americano, ia-se encontrar, como ainda hoje, vários becos que levam a um labirinto de caminhos sobre estivas. Ao fundo, confundindo-se com a lama e os detritos das marés, destacava-se o vulto negro da carcaça de uma barca, esboroando-se ao tempo. Ignora-se, ao que parece, quando ali foi ela encalhada. Conta-se, todavia, que a firma Manuel Pedro, empreiteira de obras civis, há anos desaparecida, construíra essa embarcação para transportar madeiras e trazer, sobretudo de Portugal, carga e trabalhadores. As gerações de meio século a esta data, creio nada saberem sobre as causas determinantes do abandono da famosa veleira que, enquanto em bom estado, serviu de morada a gentes sem domicílio certo. Depois, como se fossem chegando novos moradores, os mais expeditos utilizaram o madeiramento da barca, e, nos lugares menos alagadiços da várzea, levantaram casebres palafitários. Daí nasceu a " Vila da Barca", plantada em terreno da Marinha, do domínio da União. Foi uma visão noturna dessa embarcação, quase fantasma, que sugeriu a concepção destes versos, aos luares de agosto idos e vividos..."

Apresentação de Bruno de Menezes para " Lua Sonâmbula"

(...)
Foi então que de ti nasceu a "Vila Barca",
com os primeiros casebres feitos do cavername,
do teu negro arcabouço, resistente aos embates,
aos açoites marinhos.



Bruno de Menezes

Meu babalaô - como vão os orixás, meu velho?

Me lembro ainda da benção do Mãe de Santo naquela tarde sagrada.

Venho vindo do mar. Meu corpo se encantou num filho de Yemanja! É preciso que os ogans rezem, que a mãe de santo evo que o pai dos orixás para o filho de santo se desatuar e volte ao Terreiro... Como vamos de "Não posso me Amo-fina"? Ahi vem o Carnaval.

Pai João está alegre porque o seu babalaô faz falação no jornal. No Novel. Analise aguda. A benção, babalaô?

Dalcídio -

Carta do escritor Paraense Dalcídio Jurandir a Bruno de Menezes, de 1958. Faz parte da significativa correspondência particular do poeta, que compõe o acervo da família Menezes.

CHORINHO

Alta noite...
O silencio parou para ouvir o chorinho,
que os crioulos tocavam,
falando com a lua e as estrelas.
Ao som do violão, da flauta e cavaquinho,
horas inteiras, aquele chrinho
acorda a rua adormecida.

E os três
vão por esse numdão que se chama saudade,
conduzindo três almas de mais brasileiras,
serenatando...
Emquanto alguem que ama
abre a janela e espia,
sob o luar, que é mesmo que um dia,
embranquecendo a amplidão.

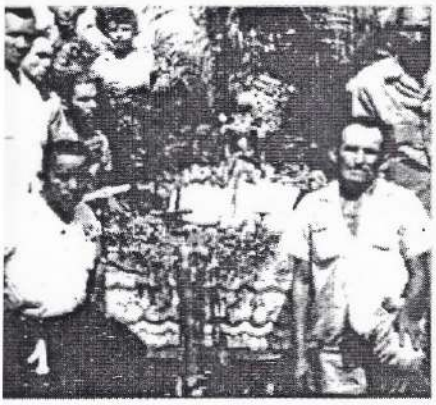
A crioula,
de camisa rendada e cabelo entrançado,
curiosa vem ver o chorinho que passa,
amando a lua.
E os dedos amorosos,
nas cordas soluçantes,
contam historias, consagram amantes,
levando em sons
o coração.

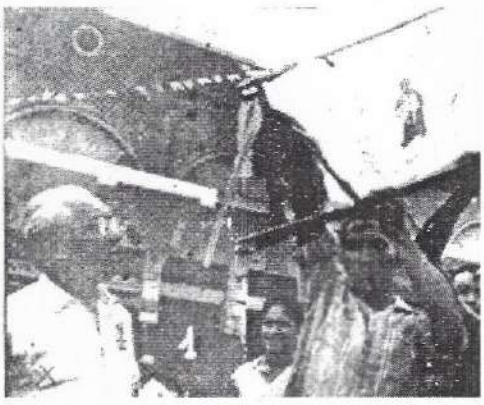
Bruno de Menezes

(Disco Odeon Nº 11.496, musica de Waldemar Henrique,
cantado por Gastam Formenti)

Fac-símile de uma composição do poema *Chorinho*, publicado no livro *Batuque*, com o cartão do maestro Waldemar Henrique, que musicou o poema. Percebe-se a ortografia da época no texto datilografado pelo poeta, com correções de próprio punho. A cada edição o poeta encomendava uma encadernação única e pessoal, feita por Tó Teixeira, com páginas em branco destinadas à colagem de cartas, críticas, partituras, anotações e outros registros. Acervo da família Menezes.

Folclorista





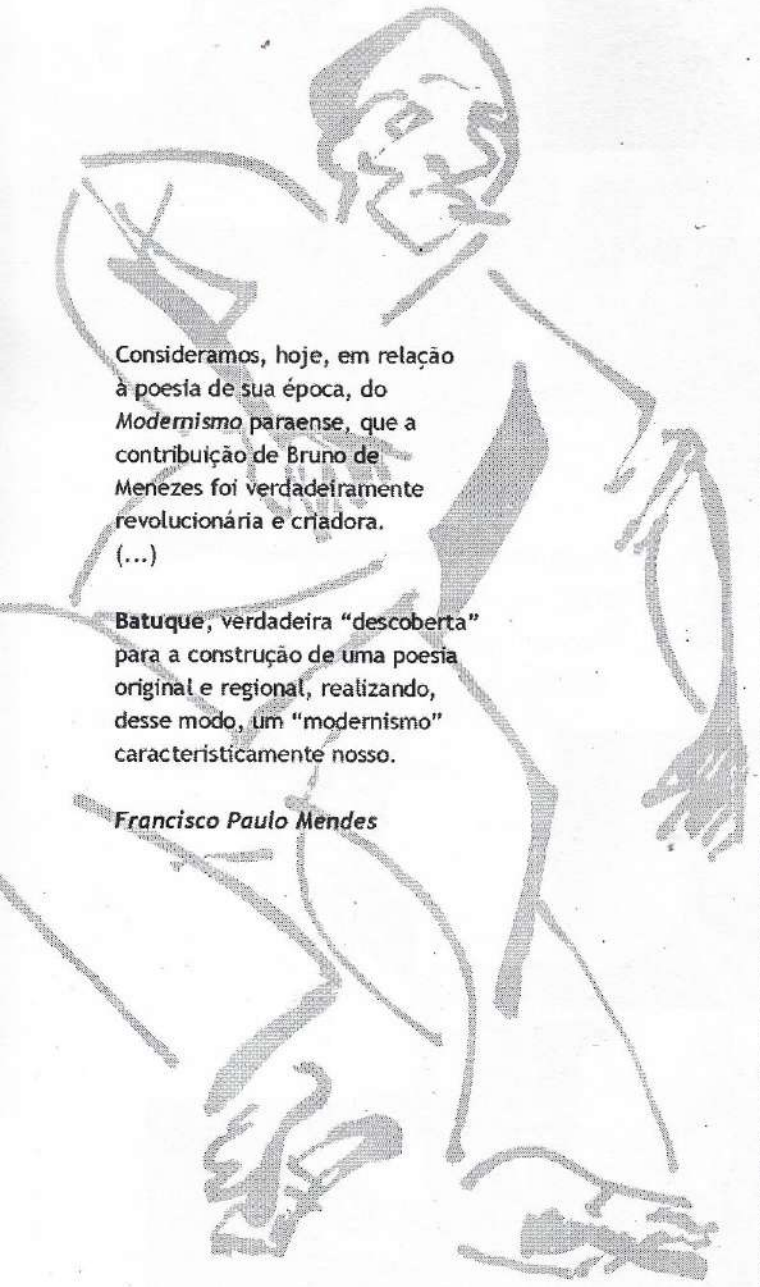
Bruno de Menezes e a Festividade de São Benedito da Praia, no Ver-o-Peso (1955)

Devemos lembrar, ainda, o Bruno estudioso e dedicado pesquisador das coisas nossas, a sua valiosa contribuição para o estudo do folclore paraense e o Bruno, homem de ação, em sua pregação e luta no Movimento Cooperativista.

Francisco Paulo Mendes

Ilustração: Raymundo Vianna

Sala do Batuque

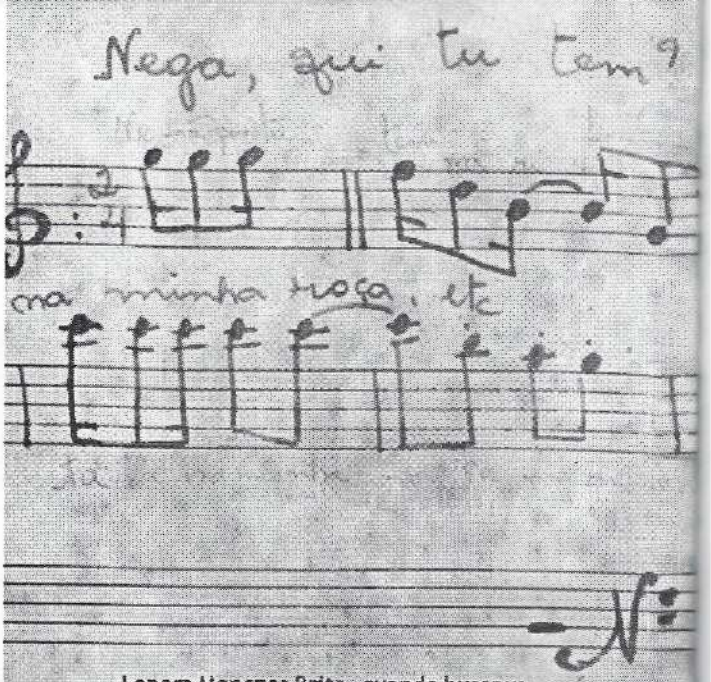


Consideramos, hoje, em relação à poesia de sua época, do *Modernismo* paraense, que a contribuição de Bruno de Menezes foi verdadeiramente revolucionária e criadora. (...)

Batuque, verdadeira "descoberta" para a construção de uma poesia original e regional, realizando, desse modo, um "modernismo" caracteristicamente nosso.

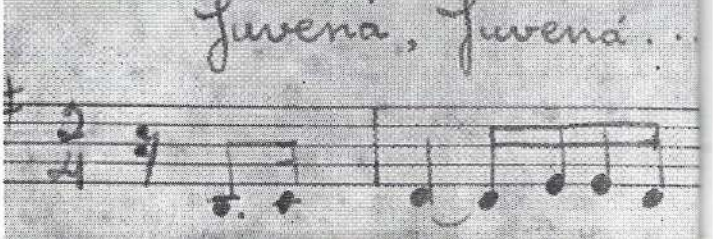
Francisco Paulo Mendes

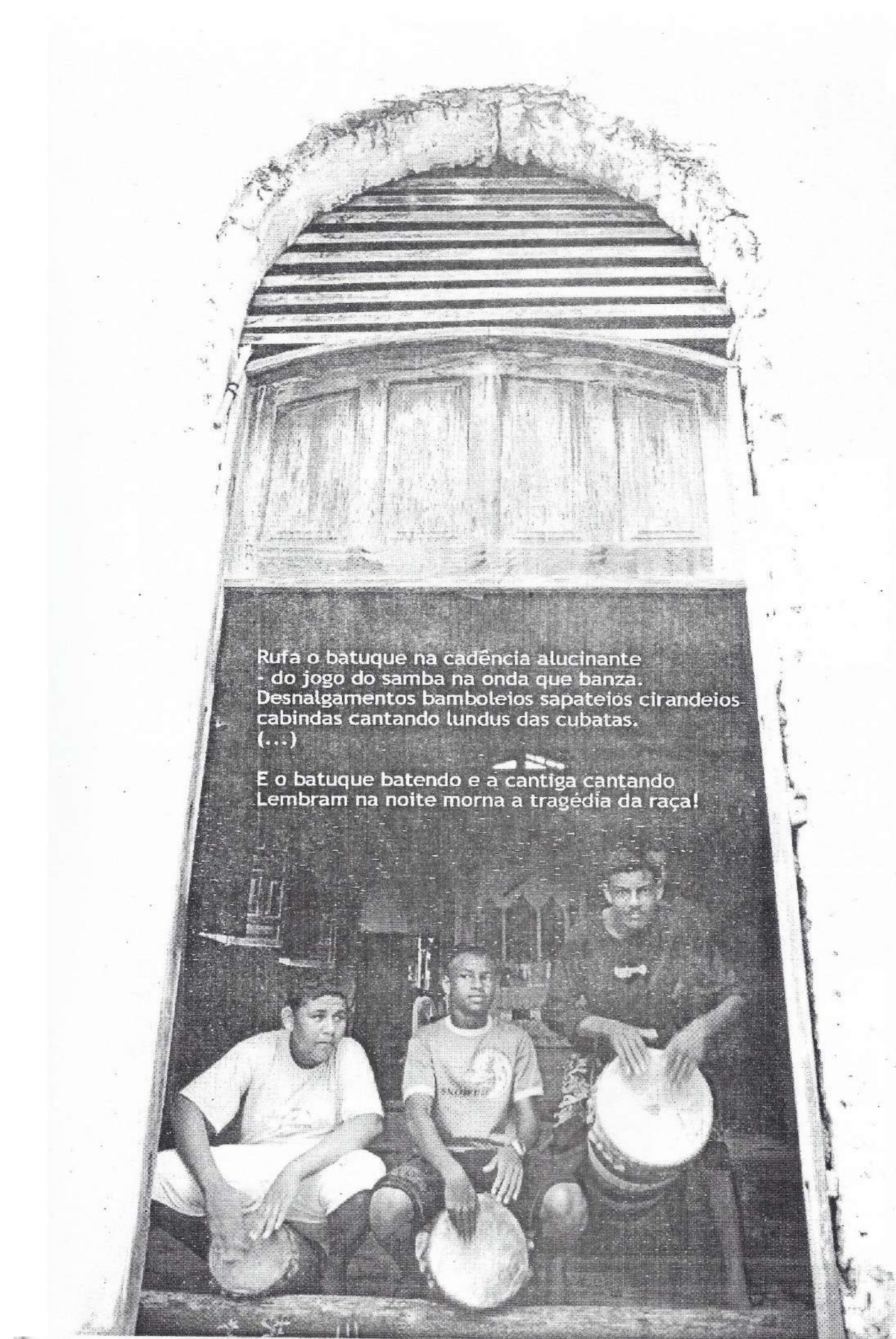
Ilustração: Raymundo Vianna



Lenora Menezes Brito, quando buscava o tema para sua dissertação de mestrado, se deparou com uma notícia de 1938, nos jornais de Belém: vários terreiros de macumba foram fechados e alguns adeptos foram presos. Entre os escritores e poetas que foram aos jornais lutar pela liberdade de expressão do culto afro, estavam seu pai, o poeta Bruno de Menezes, o escritor Dalcídio Jurandir e o músico Gentil Puget. Ela percebeu que ali havia um valioso tema: a negritude no período de 1920 a 1940, unindo, numa sólida integração, a poesia e a música no Pará. Waldemar Henrique e Jaime Ovalle, maestros e compositores, incorporaram aspectos da cultura africana e se utilizaram de elementos negros em suas composições musicais, como fez Bruno de Menezes, na sua obra literária máxima, *Batuque*. Muitos poemas desse livro foram grafados musicalmente, a pedido de Bruno, por Lenora, ainda menina e estudante de música. Ela registrava o que o pai cantarolava, repetidas vezes, a buscar os sons, os ritmos, a cadência da negritude que ecoavam na sua memória, registros das idas aos terreiros e subúrbios de Belém, percorrendo caminhos da sua poesia e da sua musicalidade.

Fac símile de uma das partituras grafadas por Lenora Menezes Brito. Lenora é musicóloga, com dissertação sobre a atmosfera da presença do negro no Pará e a negritude na música paraense. Dissertação orientada pelo Prof. Lorenzo Mammi - USP.




Rufa o batuque na cadência alucinante
- do jogo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios cirandeios
cabindas cantando lundus das cubatas.
(...)
E o batuque batendo e a cantiga cantando
Lembram na noite morna a tragédia da raça!

—"Nêga qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá !
—Nêga qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá" !

CANTIGA DE BATUQUE — (Motivo)

RUFA o batuque na cadencia alucinante
do jongo do samba na onda que banza.
Desnalgamentos bamboleios sapateios cirandeios
cabindas cantando lundús das cubatas.

Patichouli cipó-catinga preprioca
baunilha pão-rosa orisa jasmim.
Gaforinhas riscadas abertas ao meio
crioulas mulatas gente pixaim ...

—"Nêga qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá !
—Nêga qui tu tem ?
—Maribondo Sinhá" !

Sudorancias bunduns mesclam-se infoxicantes
no fartum dos suarentos corpos lisos lustrosos.
Ventres empinam-se no arrôjo da umbigada
as palmas batem o compasso da toada.

—"Eu tava na minha roça
maribondo me mordeu! ..."

— 9 —

BRUNO DE MENEZES

Ó princesa Izabel! Patrocinio! Nabuco!
Visconde do Rio Branco!
Euzebio de Queiroz!

E o batuque batendo e a cantiga cantando
lembram na noite morna a tragedia da raça!

Mãe Preta deu sangue branco a muito "Sinhô moço"...

—"Maribondo no meu corpo!
—Maribondo Sinhá!"

Roupas de renda a lua lava no terreiro.
um cheiro forte de resinas mandingueiras
vem da floresta e entra nos corpos em requebros

—"Nêga qui tu tem?
—Maribondo Sinhá!
—Maribondo num déxa
Néga trabalhá!..."

E rola e ronda e ginga e tomba e funga e samba
a onda que afunda na cadencia sensual.
O batuque rebate rufando banseiros
as carnes refrescam na dansa carnal!...

—"Maribondo no meu corpo!
—Maribondo Sinhá!
—É por cima á por baxo!
—E por todo lugá!"

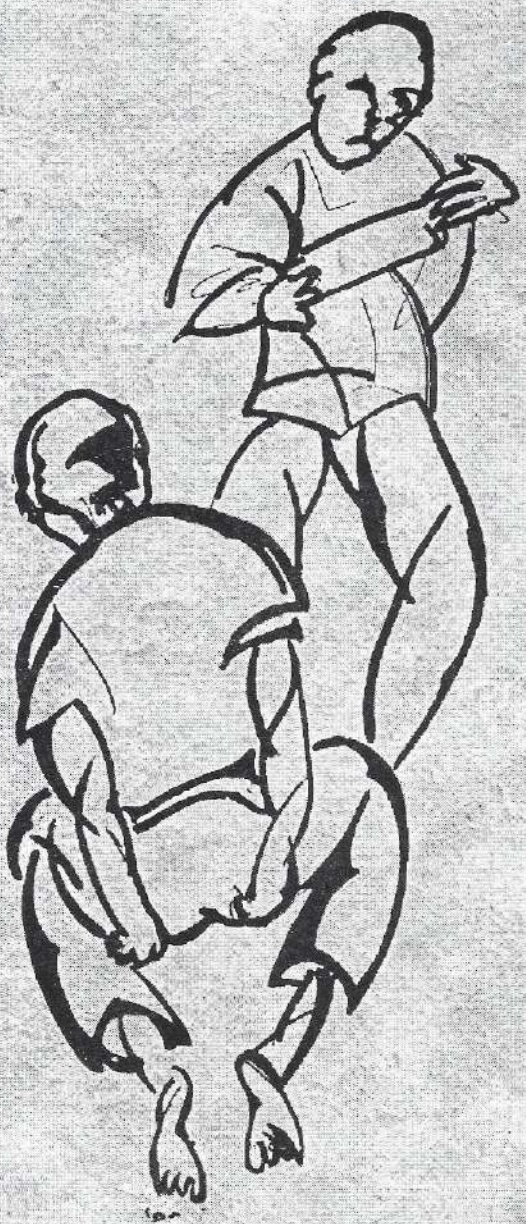
Para este poema foram creados motivos musicaes pelo compositor paraense Geatil Puget.

— 10 —

Batuque

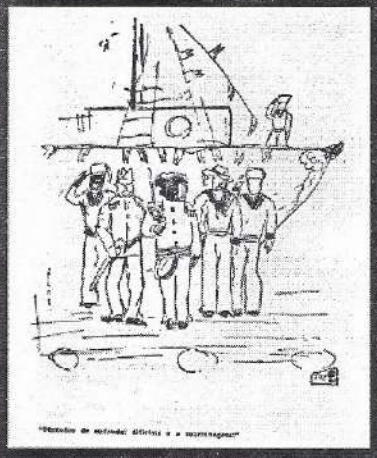
"Farol e Espelho de uma Raça"

Fac-simile do poema, conservando a ortografia da época, p. 9, e 10; 2ª Ed. Batuque (1939). Colecionado na encadernação especial feita por Tó Teixeira. Acervo da família Menezes.



"Em *Batuque* - o livro que se iniciou em 1931 e, por sua feição atemporal, passou para este novo século a merecer várias edições, - o poeta afro-descendente Bruno de Menezes realiza uma transposição das vivências do negro no Brasil, do fato folclórico, da ficção e da realidade que não interessa apenas ao crítico literário, mas também e principalmente ao sociólogo, ao estudioso dos hábitos e costumes, ao etnógrafo do negro brasileiro."

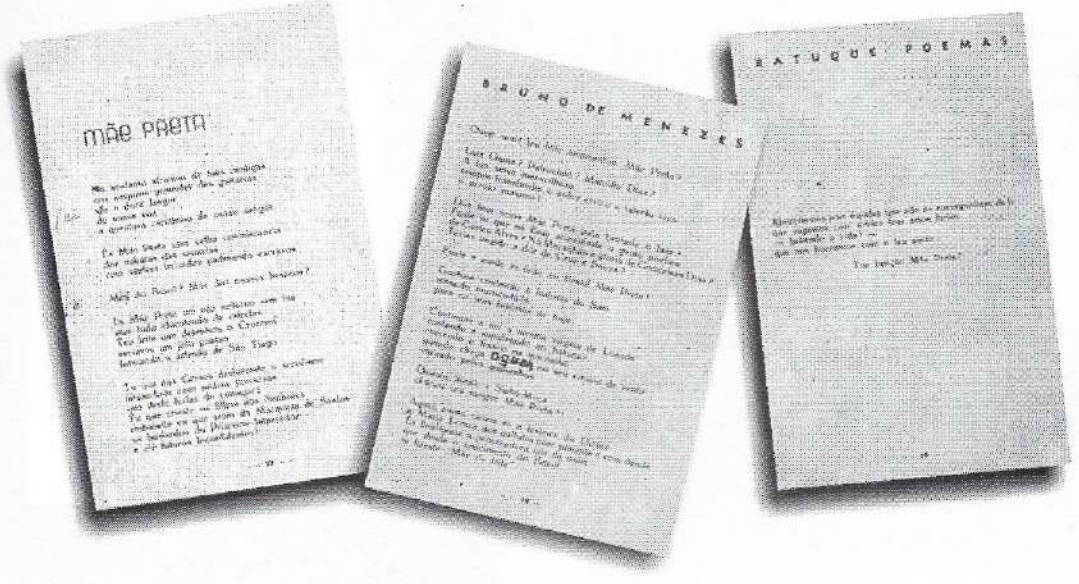
Texto do crítico Dante Costa.
Página eletrônica Panorama de Poesia - Itaú Cultural
Ilustração: Raymundo Martins Vianna



Raymundo Vianna é o artista que ilustrou os livros *Batuque*, *Boi-Bumbá*, *São Benedito da Praia*, e vários poemas esparsos de Bruno de Menezes. Em 1953, conquistou em Belém o 1° Lugar de Desenho do II Salão Oficial de Arte, com a ilustração que fez ao verso inicial do poema *Batuque*, em traços grossos e vigorosos transfere para o desenho o "batuque na cadência alucinante". Nasceu em 1923 e faleceu em 2004.

Dona Maria Balbina da Conceição Menezes, mãe de Bruno, nascida a 4 de dezembro de 1876, Belém-PA. Acervo família Menezes

Fac-símile do poema, conservando a ortografia da época e com correções de próprio punho do autor. p. 17, 18 e 19; 2ª Ed. Batuque (1939). A cada edição o poeta encomendava uma encadernação única e pessoal, feita por Tó Teixeira, com páginas em branco destinadas à colagem de cartas, críticas, partituras, anotações e outros registros. Acervo da família Menezes.



Criança da foto: Registro de comunidades quilombolas do Pará - FCV. Foto: Erika Nunes

PAE JOÃO

Pae João sonolento e bambo na pachorra da edade
cisma no tempo de ontem.
De olhos vendo o passado recorda o veterano
a vida brasileira que ele viu e gosou e viveu!

Mãe Maria contou que o pae dele era escravo...

Moleque sagira e teso destro e afoito num rôfo
Pae João teve fama de capoeira e navalhista.

— Êita!... Era o pé comendo
quando a banda marcial saia á rua
com tanto soldado de calça encarnada.

E rabo-de-arraia cabeçada na policia
xadrez desordens furdunço no corliço
e o ronco e o relumbo do zonzo som molenga do carimbó:

"Juvená
Juvená!

Arrebate
esta faca
Juvená!

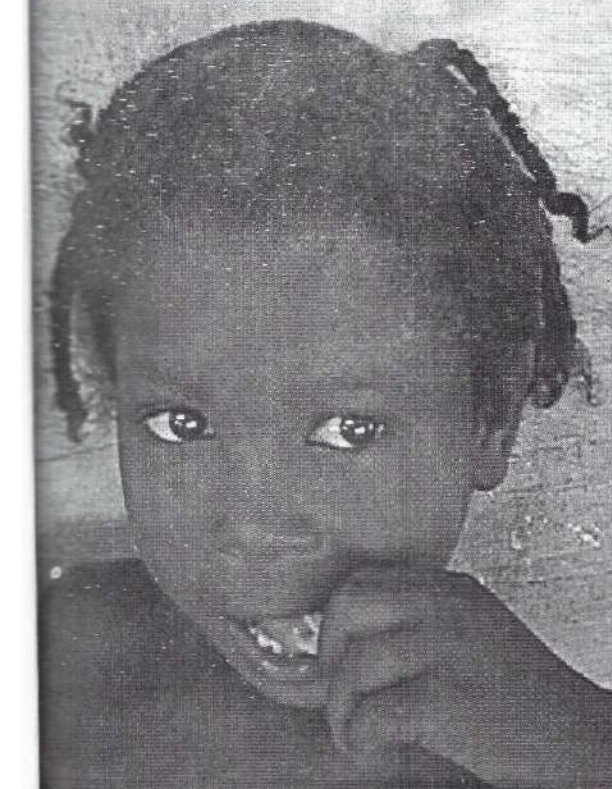
— 13 —

Fac-simile do poema, conservando a ortografia da época, p. 15, 2ª Ed. Batuque (1939). Colecionado na encadernação especial feita por Tó Teixeira. Acervo da família Menezes.

Ilustração: Raymundo Vianna para o poema "Pai João", 6ª Éd.

Foto do poeta, na Vila da Barca. Acervo da Família Menezes.

Bruxinha Baiana



(Para as minhas filhas
Marilia e Lenora)

Tenho uma bruxinha de carne de pano
que usa cabelo feito de retroz.
Parece que foi noutro tempo mucama,
porque nós fazemos
com a pobre bruxinha
o que não se faz com todo o cristão.

O mais engraçado
é que ela parece ter alma ter vida.
Seu corpo de pano
em certos instantes
tem toda a expressão dos nossos movimentos.

Por isso é que eu penso:
- ela foi mucama.
Não chora não grita não olha pra gente
se fica esquecida
num canto no chão.

Sua única roupa é um traje à baiana.
E nós ajeitamos o seu cabeção
e sua sainha de chita florida
que a Carmen Miranda
se visse a bruxinha
iria com ela também batucar.

Nem mesmo boneca sabemos chamá-la.
Não tem qualquer nome
de "estrela" de fama no céu do cinema.
É a nossa "bruxinha" sem outro apelido,
que até os meus manos
em louca peteca
às vezes transformam se querem brincar.

Andando aos boléus
aos trancos da sorte
quem sabe se a nossa bruxinha, coitada,
não é a mucama
que o fado o destino
jogaram no mundo
para andar assim?...

Desenho: *Negra Cabinda*, de Florence, *in "Expedição Langsdorff ao Brasil"*, Alumbramento, Rio de Janeiro, (1988)

Foto: Acervo Fundação Curro Velho/ Programa Raízes

Alma e Ritmo da Raça

ALMA E RITMO DA RAÇA

Ilustração: Raymundo Vianna, 6ª Ed. *Batuque*.

Reprodução do poema, p.11, 2ª Ed. *Batuque* (1939). Colecionado na encadernação especial feita por Tó Teixeira. Acervo da família Menezes.

Registro de comunidades quilombolas do Pará - FCV. Foto: Rai Nonato.

Cheiro de Mulata

Retrato de uma Negra (1800), de Marie-Guillemine Benoist (1768-1826).

Vendedora de Cheiro, de Antonieta Santos Feio.

"Versos para minha frôr"
(De um poeta crioulo)

O que tu põe
no teu corpo
que ele chêra
até no vento?

O que tu é
é a Frôzina
que tem tudo
que tem as ôtra mulhé.

Tu não é rosa?
nem cravo
nem jasmim
nem ubiganti...

Tudinho não
Póde sê
que as ôtra
tenha demais

Mas pra tê
teu chero bão
só tu mesmo
ôtra não tem!...

Mastro do Divino

"Lavadera da campina
Lavadera!
Lava roupa sem sabão
Lavadera!"

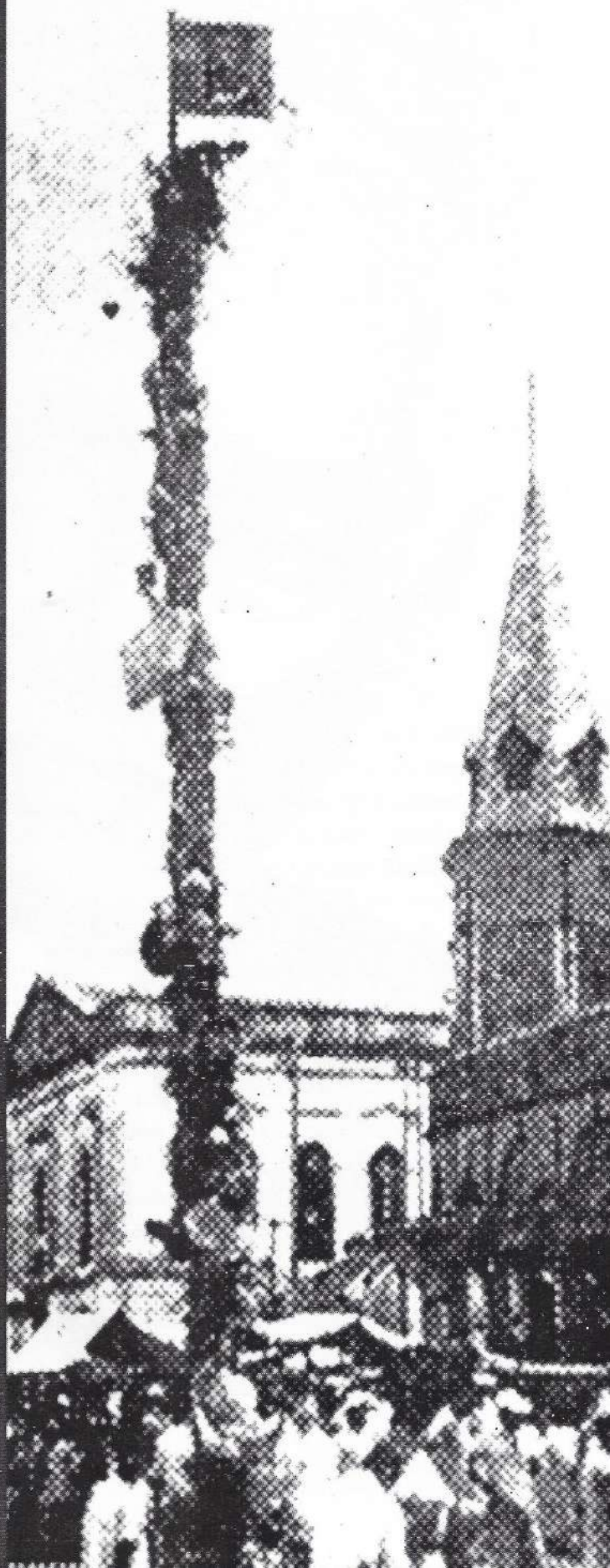
O mastro vem vindo na ginga vadia
da velha toada.
Vem vindo rolando nos ombros melados
da tropa devota de tantos festeiros.

O mastro já veiu do fundo da terra,
assim todo verde vestido de folhas.
Depois lhe puzeram a tal bandeirinha
onde surge o Divino pintado num Sol...

As outras bandeiras de pano encarnado
não sobem no tôpo do mastro votivo
porque lá na ponta só fica o Divino...

No arraial decorativo um arco-iris de artifício,
todo de bandeirolas e correntes de papel,
dá um ar de tradição a êsses festejos da Corôa.

E o mastro vem, chega na ginga vem na onda
vem no som da caixa funda
no soturno baticum :

T a m ... b u m !
T a m ... b u m !
(...)

Celebração do Mastro do Divino e da festividade do São Benedito da Praia, no Ver-o-Peso, iniciada em 1955.